

EDUCAÇÃO COMPARADA: UMA ANÁLISE ACERCA DOS ESTUDOS COMPARATIVOS

Aylla Lorena Gomes Lobo Palma*
Geizyelle Magna Alves dos Santos Vieira**

RESUMO

O presente artigo traz uma análise sobre a Educação Comparada e a importância dos estudos comparativos nos diversos sistemas educacionais a nível local e global. Para tanto, busca situar historicamente o papel da comparação no âmbito educacional e de que maneira esta pode contribuir com o aperfeiçoamento do conhecimento e consequente aprofundamento dos fenômenos, reconhecendo suas inúmeras particularidades. Em outras palavras, objetiva analisar como as novas formas de pensar, a partir dos estudos comparativos e das exigências do mundo globalizado, podem possibilitar uma melhor interpretação dos processos educativos e estabelecer diálogos críticos entre o Brasil e o mundo no campo da Educação Comparada.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Comparada; Sistemas Educacionais; Globalização

ABSTRACT

This article provides an analysis of Comparative Education and the importance of comparative studies in different educational systems at local and global level. Therefore, it seeks to historically situate the role of comparison in the educational field and how it can contribute to the improvement of knowledge and consequent deepening of the phenomena, recognizing its numerous particularities. In other words, it aims to analyze how new ways of thinking, based on comparative studies and the demands of a globalized world, can enable a better interpretation of educational processes and establish critical dialogues between Brazil and the world in the field of Comparative Education.

KEYWORDS: Comparative Education; Educational Systems; Globalization.

RESUMEN

Este artículo proporciona un análisis de la Educación Comparada y la importancia de

*Doutoranda em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais – FICS – geizy.magna@gmail.com

**Doutoranda em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais – FICS – lobo.aylla@gmail.com

los estudios comparados en diferentes sistemas educativos a nivel local y global. Para ello, busca situar históricamente el papel de la comparación en el ámbito educativo y cómo ésta puede contribuir a la mejora del conocimiento y consecuente profundización de los fenómenos, reconociendo sus numerosas particularidades. En otras palabras, tiene como objetivo analizar cómo nuevas formas de pensar, basadas en estudios comparados y las demandas del mundo globalizado, pueden posibilitar una mejor interpretación de los procesos educativos y establecer diálogos críticos entre Brasil y el mundo en el campo de la Educación Comparada.

PALABRAS CLAVE: Educación Comparada; Sistemas Educativos; Globalización

1 INTRODUÇÃO

A comparação tem sido uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do pensamento humano ao longo da história. No campo educacional, esse recurso se mostra indispensável para a análise e aprimoramento dos sistemas de ensino, auxiliando na formulação de políticas e metodologias mais eficazes. A Educação Comparada, como disciplina, surge dessa necessidade de compreender diferentes realidades educacionais, permitindo um olhar crítico sobre as práticas e modelos adotados em diversos contextos sociais, culturais e econômicos.

Diante da crescente complexidade dos sistemas educacionais no cenário globalizado, torna-se imprescindível analisar como diferentes países organizam suas redes de ensino e implementam suas políticas educacionais. E é nesse sentido que a Educação Comparada, ao estabelecer paralelos entre diferentes experiências educacionais, contribui para a identificação de desafios comuns e possíveis soluções.

Em outras palavras, a pesquisa comparativa no campo da educação se configura como um instrumento fundamental para a ampliação do conhecimento e a promoção de melhorias na qualidade do ensino, além de evitar a adoção ou incorporação indiscriminada de modelos estrangeiros sem a devida adaptação às especificidades locais.

Nesse contexto, é essencial compreender a relação entre educação e sociedade a partir de uma perspectiva interdisciplinar, considerando fatores históricos, políticos e culturais que influenciam os sistemas de ensino. Os estudos

comparativos, portanto, oferecem subsídios para a construção de estratégias educacionais mais equitativas e eficientes,

Assim, possibilitam não apenas a troca de experiências entre diferentes nações, mas também a reflexão sobre os impactos das políticas educacionais no desenvolvimento social. A Educação Comparada apresenta-se, pois, como uma abordagem essencial para a compreensão e aprimoramento da educação em um mundo cada vez mais interconectado.

2 DESENVOLVIMENTO

Ao longo da evolução da humanidade, o recurso da comparação tem sido fundamental para o desenvolvimento de atividades que contribuem para evoluir e aperfeiçoar o pensamento humano. Assim, embora a humanidade esteja em constante construção, apresenta necessidades peculiares de organização de redes, delimitação de objetivos e metodologias específicas para produzir eficazmente uma expansão de qualidade, sobretudo, no âmbito escolar.

Entretanto, tudo isso depende da própria sistematização das redes de ensino que se multiplicam geometricamente, face à necessidade dos Estados, já que estes, ao longo das últimas décadas, têm passado por muitos acontecimentos que contribuíram significativamente para a reestruturação da conjuntura educacional no mundo (Kandel, 1960).

No que se refere à Educação Comparada, por exemplo, Halls (1990) explica que esta esteve, desde o seu início, muito empenhada em compreender a dinâmica dos sistemas educativos e como as diferentes situações contribuem para estruturação da educação local, regional, nacional e mundial.

Ferreira (2008), por sua vez, explica que a comparação sempre marcou a evolução do pensamento humano e sempre esteve presente na própria construção do saber. Compreender a dinâmica dos sistemas educacionais ou de aspectos a eles relacionados por via da comparação é tanto um desafio como uma necessidade nos tempos atuais. Pois, reconhecer o saber com sentido da Educação Comparada é, para os pesquisadores, a esperança de um mundo melhor.

Segundo Santos (2017), a Educação Comparada se situa entre os instrumentos do avanço pelas experiências positivas que uma nação pode recolher de outra. O valor das investigações comparativas clássicas, atualmente pouco

corriqueiras, jaz, precisamente, na interpretação histórico-filosófica dos sistemas nacionais de educação e nas conexões que estabeleciam, ainda que em uma perspectiva culturalista e enciclopédica, entre sociedade e educação.

A comparação fornece informações mais interessantes que as resultantes de uma leitura num só contexto, de modo que, quando rigorosamente efetuada, a leitura dos aspectos comuns das diferenças relativas de um problema é melhor do que uma única visão. Assim, a Educação Comparada é múltipla e complexa, além de envolver muitas áreas, como: história, sociologia, economia e outras. Seu estudo, portanto, possibilita uma visão mais capacitada a nível global.

Civiata (2009) explica que a comparação parte da analogia, enquanto processo de percepção das diferenças e semelhanças na relação com o outro, pessoas e objeto. A comparação é constante na produção intelectual, não apenas nos trabalhos acadêmicos, mas também nos aprendizados da vida cotidiana.

Comparar, pois, é uma importante ferramenta utilizada para aprofundar o conhecimento. Por isso a Educação Comparada vem sendo utilizada pelos educadores a fim de observar com atenção os seus objetos de trabalho, que são representados pelos sistemas nacionais de ensino. Cada um deles se apresenta como um conjunto de serviços escolares e para escolares, devidamente estruturados e com sentido peculiar em cada povo.

De acordo com Franco (2000), o princípio da comparação é a questão do outro, o reconhecimento do outro e de si mesmo através do outro. A comparação é um processo de perceber as diferenças e as semelhanças e de assumir valores nesta relação de reconhecimento de si próprio e do outro. Trata-se, conforme reforça Franco, de compreender o outro a partir dele próprio e, por exclusão, reconhecer-se na diferença.

A Educação Comparada começa por descrevê-los e confrontá-los entre si para assinalar semelhanças e diferenças quanto à morfologia e às funções, estejam estas apenas previstas em documentos legais ou alcançando efetiva realização. Aprofundando posteriormente esses pontos, vem demonstrar que cada sistema não deve ser como um simples agregado de serviços escolares a que um regime qualquer de administração imponha unidade formal. Nem também que cada um deles se constitua e funcione como criação arbitrária de políticos, administradores e pedagogos (Arantes e Queluz, 2018).

De acordo com Lourenço Filho (2004), o que a Educação Comparada se

propõe a fazer, partindo das formas institucionalizadas do ensino, é aprofundar a análise desse processo, nas relações que apresente com as circunstâncias da existência dos vários grupos sociais, e da integração deles na sociedade nacional.

Algumas dessas circunstâncias são de fácil caracterização e decorrem do espaço do país, de sua geografia, da composição e distribuição da população respectiva, das ocupações a que se entreguem diferentes grupos e, conseqüentemente, das formas primárias de agregação, cooperação e competição econômica (Lourenço Filho, 2004).

Outras, porém, ainda que em tudo isso se apoiem, não são de tão fácil discriminação. Dizem respeito aos costumes e tradições, desejos e aspirações de cada grupo, cada pequena comunidade, cada região. Referem-se aos modos de viver, de trabalhar, crer e esperar. No que possuem de comum, estabelecem sentimentos de comunidade, relações entre esses grupos, dando origem às formas de organização econômica, cívica, jurídica, religiosa, moral.

Nóvoa (2017) afirmou em seu estudo sobre Educação Comparada que nós não seremos capazes de problematizar os fenômenos educativos se nos fecharmos nos espaços tradicionais de comparação. Dentro de cada país, existem muitos países, muitas realidades. Dentro de cada cidade, existem muitas cidades. Dentro de cada bairro, dentro de cada lugar. Se não reconhecermos as diferentes espacialidades que existem no mesmo espaço, as diferentes temporalidades que existem no nosso tempo, dificilmente poderemos avançar para novas formas de pensar.

Muitos estudos, ao longo dos anos, vêm evidenciando que, através do levantamento teórico e cultural da Educação Comparada, é possível verificar os limites e as possibilidades de execução das pesquisas, contribuindo não só para a identificação de igualdades e diferenças, mas para a interpretação dos processos educacionais.

De acordo com Arantes e Queluz (2015), é fundamental, a partir do método comparativo, que haja um rompimento de fronteiras e ampliação de visões e de diálogos para o conhecimento de novas práticas que analisem não apenas fatos, mas contextos, observando seus sentidos históricos e outros problemas que envolvam a educação e a investigação qualitativa. Para os autores,

Na Educação Comparada deve preocupar-se com a tendência de

importação de modelos de gestão educacional, massificação de problemas, globalização e ênfase positivista e quantitativista, transferência educacional de experiências internacionais, invasão cultural aniquilando o outro, produção de políticas geradoras de dependência em nível mundial que enfatizam análises educacionais pautadas nos produtos da escola, limitações ao entendimento da língua, história e cultura, dificuldades de pensar o outro como ser igual, analisando sistemas educativos isolados do seu contexto, em muitos casos determinados hegemonia cultural internacional (Arantes e Queluz, 2015, p. 10).

A comparação no âmbito educacional, portanto, demonstra uma preocupação com a visão e o entendimento de políticas e referências metodológicas utilizadas nas investigações, com o intuito de contribuir com estudos mais críticos a partir de um referencial interdisciplinar e de uma relativização de posições.

Assim, a Educação Comparada se interessa pelo progresso das ideias e forças políticas, econômicas, sociais e culturais, que determinam as características da educação nas diferentes partes do mundo. Os sistemas de ensino de grupos nacionais ou culturais seriam, pois, os responsáveis pela reflexão dos ideais, esperanças e aspirações de cada grupo.

A partir desse entendimento, ainda que o estudo comparativo se relacione com minúcias de administração e organização, construções escolares, composição de cursos e programas, métodos didáticos, compêndios e salários de professores, seu objetivo principal consiste na compreensão do sentido mais profundo dos sistemas em estudo (Kandel, 1933).

Encarada desse ponto de vista, a educação comparada deve contribuir para ampliar a compreensão dos problemas da filosofia da educação, indutivamente constituída, habilitando o pesquisador para reconhecer as importantes influências do contexto social, político, econômico e cultural sobre a educação.

Kazamias e Unterhalter (2012) explicam que, diante do mundo globalizado, torna-se necessário o entendimento de perspectivas diferentes, oriundas de culturas distintas, além da promoção de novos conhecimentos e ideias, tanto para aperfeiçoar práticas e políticas educacionais como para formular teorias e generalizações a respeito das múltiplas interações entre educação e sociedade. São imprescindíveis, portanto, estudos, debates e relatos de experiência, oriundos do campo de conhecimento denominado "Educação Comparada".

Sob uma perspectiva epistemológica educacional, Lamar e Vicentini (2022), discutem no livro *Educação e epistemologias comparadas: Um debate necessário*,

que a Educação Comparada passou por grandes marcos no início do século XX, a exemplo da organização do curso de Educação Comparada a Universidade da Columbia, nos Estados Unidos, e o surgimento da corrente anglo-americana, que teve como um de seus principais contribuintes Michael Sadler². Este afirmava que a Educação Comparada deveria levar em conta as explicações teóricas acerca dos fenômenos educacionais enquanto consequências de determinantes históricos.

Por volta de 1970, conforme apontam os autores, passaram a surgir outras perspectivas epistemológicas no campo da Educação Comparada, sobretudo, com base no conflito e na teoria neomarxista. Neste contexto, a instituição escolar era vista como aparelho ideológico do Estado, funcionando como um instrumento de dominação. Em 1980, a Educação Comparada passou a sofrer críticas e a perder prestígios, tendo sua validade científica, bases teóricas e finalidades questionadas (Lamar e Vicentini, 2022).

Somente a partir de 1990, com a globalização e aumento de interesse pela realidade da educação de outros países, é que os estudos comparativos assumiram novas formas. Porém, no caso dos estudos latino-americanos e caribenho, conforme apontam os autores, a Educação Comparada passou a ser orientada por uma perspectiva norte-americana baseada em reformas educacionais e interesses políticos, de modo que eram traduzidos em uma condução apenas pragmática, sem levar em consideração as profundas reflexões teórico-críticas que se faziam necessárias.

Nesse sentido, Amaral (2022), ainda na obra *Educação e epistemologias comparadas: Um debate necessário*, explica que houve um maior empenho para introduzir a “pedagogia das competências” (responsável por inúmeras reformas educacionais nos níveis municipal, estadual e federal) com o intuito de adaptar o indivíduo às necessidades do processo produtivo capitalista, presente tanto nos espaços empresariais como escolares. A pedagogia das competências, portanto, representava uma política neoliberal de responsabilização do indivíduo pelo atendimento de suas próprias necessidades de sobrevivência, reduzindo os gastos públicos e impulsionando o aumento da lucratividade. Assim,

² De acordo com Kazamias (2012), Michael Sadler foi um pioneiro do tema histórico- filosófico-cultural e liberal humanista dentro da Educação Comparada, considerando-a não apenas como uma atividade acadêmica, mas também reformista. Para Sadler, conforme potua Kazamias, “não devemos reconhecer que as coisas fora da escola importam mais do que as coisas dentro.” (p. 63).

Percebe-se a grande diferença entre a concepção de competência presente na pedagogia histórico-crítica e a concepção de competência na perspectiva difundida na década de 1990. Enquanto a primeira compreende a competência técnica do professor como forma de mediação para que a escola possa desempenhar o seu papel primordial de socialização do saber elaborado, enfatizando, portanto, os conteúdos curriculares, a segunda toma a concepção de competência como conjunto de habilidades necessárias à resolução e problemas práticos e rotineiros, no intuito de atender aos interesses do mercado capitalistas, reduzindo-se o valor dos conteúdos (2022, p. 111).

De acordo com Cortina (2020), através da concepção dominante sobre modernidade, a educação se insere em um processo de apreensão universal e homogênea que visa à noção de eficiência e de currículos escolares voltados para a lucratividade no âmbito das políticas e reformas educacionais. Contudo, Cortina chama atenção para o poder de apaixonar-se pelo que é possível fazer dentro do ponto de vista educacional.

Para a autora, precisamos recorrer a todos os “estilos cognitivos” enquanto pesquisadores e pensadores, buscando selecionar e usar nossas teorias conforme o grau de importância que atribuímos a elas. A partir dessa perspectiva, é possível produzir pesquisas que levem em consideração tanto contextos locais quanto globais.

No caso da educação desenvolvida na América Latina, por exemplo, há um questionamento por parte das epistemologias do Sul acerca da construção do conhecimento dos sistemas educacionais latino-americanos, que criam escolas caracterizadas pela segregação e pelas desigualdades socioeconômicas e que, por sua vez, desencadeiam também desigualdades raciais e etno-culturais, epistêmicas e sexuais. Para a autora,

Desigualdades socioeconômicas e segregação estão estruturalmente incorporadas aos sistemas educacionais que estudo nas Américas, tanto do Norte quanto do Sul. Em todo o hemisfério, as desigualdades e a segregação com base em gênero, raça e etnia para povos indígenas e afrodescendentes, desencadeadas em 1519, ainda se manifestam na educação hoje, mesmo quando a maioria dos países expressa orgulho de seus sistemas educacionais e de seus compromissos com a igualdade na educação (Cortina, 2020, p.15).

Carvalho (2013), inclusive, em seus estudos a partir de Schriewer e Crossley³,

³ Os autores discutem a Educação Comparada a partir da internacionalização da educação.

já sinalizava a necessidade da Educação Comparada assumir uma perspectiva local em contraposição à concepção etnocêntrica, universal e homogeneizada das ações educativas e do funcionamento das instituições educacionais. Era preciso considerar todas as transformações histórico-culturais e regionais, além das especificidades de cada localidade, onde as minorias e a diversidade de grupos têm formas distintas de vida e cultura.

No que se refere à gestão educacional com ênfase nas políticas públicas, a autora chama a atenção, ainda, para o fato de que não se pode desconsiderar a validade metodológica e instrumental dos estudos comparativos no contexto da globalização, onde o processo econômico-financeiro traz desdobramentos políticos, culturais e educacionais, impulsionando a reestruturação do setor produtivo e das mudanças institucionais na estrutura do Estado.

No Brasil, a Educação Comparada tem seu marco inicial no século XIX, durante o mandato do então deputado do Império, Rui Barbosa, que propôs uma reforma de ensino, conforme descreve Gomes. Mas somente a partir de 1926 é que o caminho da Educação Comparada no país foi retomado por Fernando Azevedo, Anísio Teixeira Lourenço Filho e outros (Gomes, 2015).

Com o avanço da globalização no país, mesmo com a persistência dos comparatistas ao longo do tempo, o Brasil teve que adotar, segundo Gomes (2015), “fórmulas” de ajuste de avaliação educacional tanto nacional quanto internacional. Mesmo assim, as pesquisas comparadas tiveram pouco crescimento. Por outro lado, Correa (2011), com base nos estudos de Nóvoa, chama a atenção para o fato de que

Percebe-se o risco da educação comparada gerar ações nacionais que evidenciam uma característica de dependência cultural e de transferência educacional de outras experiências internacionais. Há um movimento por uma tênue linha que expõe o local às demandas globais. Todavia, em contextos globalizantes, como o que vivemos atualmente, torna inevitável os movimentos de internacionalização de experiências educacionais bem-sucedidas. Nesse contexto, a educação comparada encontra-se em um “[...] processo de reconstrução da educação num vaivém entre as referências nacionais e os enquadramentos internacionais.” (Correa, 2011, p. 255)

Gomes (2015) explica, ainda, que o Estado avaliador (segundo ele,

“sucessor” do Estado docente numa perspectiva evolucionista e modernizadora), acaba se tornando um “Estado avaliado retido pelas grades estreitas de burocracias supranacionais, capazes de influenciar os currículos e desprezar as variações culturais, com a sua criatividade e a sua crítica” (p. 254).

O autor enfatiza que é preciso estabelecer e aprofundar diálogos críticos entre o Brasil e o mundo no campo da Educação Comparada, buscando incentivar a juventude a conhecer, construir e desenvolver a criatividade. Assim, é essencial a implementação de reformas que visem o questionamento dos sistemas de conhecimento iniciais sobre os quais foram construídos os sistemas educacionais. Em outras palavras, só é possível conhecer os espaços educacionais ao redor do mundo depois que conhecemos os nossos.

Nascimento *et al* (2024) entendem que, sendo a educação um dos pilares essenciais para o desenvolvimento social, tornar a Educação Comparada como um campo de estudo que examina e contrapõe distintos modelos educacionais, identificando similaridades, divergências e promovendo reformas fundamentadas, possibilita o aprimoramento de seus sistemas educacionais para atender às necessidades de seus estudantes. Essa abordagem permite que gestores educacionais e formuladores de políticas públicas adotem decisões mais embasadas, visando à melhoria da qualidade e da eficiência do ensino.

Para os autores, o estudo da Educação comparada propicia percepções importantes que permitem a identificação de práticas bem-sucedidas e o reconhecimento de desafios comuns entre diferentes nações. Nesse sentido, compreender abordagens adotadas globalmente favorece a reflexão sobre métodos e políticas educacionais, além de incentivar melhorias que refletem nas futuras gerações, examinando não apenas os sistemas educacionais em si, mas também as influências políticas, econômicas e sociais que os moldam (Nascimento *et al*, 2024).

Ainda de acordo com os autores, embora seja de discussão relativamente recente, com origens no século XVIII, a Educação Comparada consolidou-se ao longo do século XX, acompanhando a crescente interconectividade entre os países. Dessa forma, sua relevância na atualidade justifica-se, em grande medida, pela necessidade de cooperação e intercâmbio de experiências que visem o fortalecimento dos sistemas educativos de forma contextualizada e adaptável às especificidades de cada sociedade.

Dentre as principais contribuições da Educação Comparada discutidas pelos

autores, destacam-se a compreensão da ‘diversidade educacional, a identificação de boas práticas e a formulação de políticas mais eficazes’. Assim, ao analisar diferentes estruturas, currículos, metodologias e processos avaliativos, é possível adaptar estratégias bem-sucedidas sem desconsiderar os aspectos socioculturais que diferenciam cada realidade educacional. Há, portanto, um reconhecimento da singularidade cultural e histórica de cada país, que deve ser respeitada e integrada ao desenvolvimento de políticas educacionais (Nascimento *et al*, 2024).

Nesse sentido, a relevância da Educação Comparada ultrapassa a análise de sistemas de ensino, pois possibilita uma reflexão crítica sobre os impactos sociais da educação, considerando sua relação com fatores políticos e econômicos. Além disso, o estudo comparativo promove uma visão global sobre os desafios educacionais contemporâneos, incentivando o apoio entre nações e possibilitando o aperfeiçoamento contínuo das práticas pedagógicas.

Assim, a consolidação da Educação Comparada como uma ferramenta essencial para o aperfeiçoamento dos sistemas educacionais interfere de forma significativa no aprendizado contínuo e na formulação de políticas eficazes. Tomando como base uma abordagem multifacetada, compreende a diversidade educacional, identifica desafios comuns e fomenta o desenvolvimento de soluções inovadoras que contribuem para a construção de um cenário educacional mais equitativo e inclusivo a nível global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desenvolvidas ao longo deste estudo demonstram que a Educação Comparada tem um papel fundamental na compreensão das dinâmicas educacionais e na formulação de políticas que visam a melhoria da qualidade do ensino. A comparação entre diferentes sistemas educativos permite identificar não apenas as boas práticas, mas também os desafios e limitações que cada contexto apresenta, contribuindo para a construção de soluções mais adequadas às necessidades específicas de cada realidade.

Além disso, a Educação Comparada possibilita uma visão ampliada das relações entre educação e sociedade, destacando a influência de fatores políticos, econômicos e culturais sobre as práticas educacionais. Esse campo de estudo se

revela essencial para o desenvolvimento de estratégias que promovam a equidade e a inclusão, garantindo que diferentes grupos sociais tenham acesso a uma educação de qualidade e que respeite as particularidades de cada comunidade.

No entanto, é necessário cautela na adoção de modelos educacionais estrangeiros, uma vez que cada sistema de ensino está inserido em um contexto sociocultural específico. A simples transposição de experiências bem-sucedidas pode não garantir os mesmos resultados quando aplicadas em realidades distintas. Assim, a pesquisa comparativa deve sempre considerar as peculiaridades de cada país, promovendo uma adaptação crítica e consciente das práticas educacionais observadas.

Diante do exposto, entende-se que a Educação Comparada continua a se consolidar como uma ferramenta essencial para a reflexão e a melhoria dos sistemas educacionais. Seu estudo contribui não apenas para a compreensão das políticas educacionais em nível global, mas também para a formulação de diretrizes que respeitem as diversidades culturais e sociais. Assim, a comparação educacional se estabelece como uma forma de melhorar o ensino e promover transformações significativas na educação em diferentes partes do mundo.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Margareth Gomes Rosa; QUELUZ, Lara Cristina. Educação Comparada: Abordagem Histórica, Possibilidades e Limites. In: **Rev. Puc** Goiás, 2018.

CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves. Reflexões sobre a importância dos estudos de Educação Comparada na atualidade. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 52, p. 416-435, set 2013.

ClAVATTA, Maria, Estudos Comparados: sua epistemologia e sua historicidade, In: **Trabalho Educação Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, suplemento, p. 129-151, 2009.

COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas M; UNTERHALTER, Elaine. Educação comparada: panorama internacional e perspectivas. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, DF: Unesco/Capes, 2012. 772. 2

CORREA, João Jorge. Educação comparada: um esboço para compreender as fronteiras e os limites da comparação. In: **Visão Global**, Joaçaba, v. 14, n. 2, p. 251-272, jul./dez. 2011.

CORTINA, Regina. A paixão pelo possível em Educação Comparada e Internacional. In: **Pesquisa e Práticas Educativas**. V. 1, p. 1-20, 2020.

DOS SANTOS, Adelcio Machado, Educação Comparada: Relevância Epistemológica e Operacional, Educação. In: **Revista, Marília**, v.18, n.1, p.41-56, Jan.-Jun. 2017 55.

FERREIRA, A. G. O sentido da educação comparada: uma compreensão sobre a construção de uma identidade. In: **Educação Porto Alegre**, v. 31, n. 2, p. 124-138, mai./ago. 2008.

FRANCO, M. C. Quando nós somos o outro: questões teórico-metodológicas sobre os estudos comparados. In: **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 72, p. 197-230, 2000.

GAMBOA, Silvio Sánchez. [Org.] **Educação e epistemologias comparadas: um debate necessário**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 269p.

GOMES, Candido Alberto. Educação comparada no Brasil: esboço de agenda. In: **Rev. Bras. Estud. Pedagóg. (online)**, Brasília, v. 96, n. 243, p. 243-258, maio/ago. 2015.

KANDEL, I. **Comparative Education**. Boston: Houghton Mifflin, 1933.

KAZAMIAS, Andreas M. Homens Esquecidos, Temas Esquecidos: Os temas histórico- -filosófico-culturais e liberais humanistas em Educação Comparada. In: **Educação comparada: panorama internacional e perspectivas**; volume um / organizado por Robert Cowen, Andreas M. Kazamias e Elaine Ulterhalter. – Brasília: UNESCO, CAPES, 2012.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. **Educação Comparada**. 3. edição.

Organização. Carlos Monarcha. Ruy Lourenço Filho. Brasília-DF. Inep/MEC. 2004.

NÓVOA, A. Ilusões e Desilusões da Educação Comparada. In: **Política e Conhecimento**. (s.a) 2017. Disponível em:
https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC51_Antonio.pdf. Acesso em 10/07/2023.

NÓVOA, A. Modelos de análise em educação comparada: o campo e o mapa. In: MARTINEZ, S. A.; SOUZA, D. B. (org.). In: **Educação comparada: rotas de além-mar**. São Paulo: Xamã, 2009. p. 23-62.